

MAN  
DRA  
GORA

*RESENHAS/BOOK  
REVIEW*

## ***A raiz de todo mal: uma exposição de preconceito, fundamentalismo e desequilíbrio de gênero***

*Luiza Tomita\**

MIJARES, Sharon G.; RAFFA, Aliaa; FALIK, Rachel; SCHIPPER, Jenny Eda. *The root of all evil: an exposition of prejudice, fundamentalism and gender imbalance*. Imprint Academic, 2007. 320 p.

Este livro foi escrito por quatro autoras de diferentes tradições religiosas: uma muçulmana do Egito, uma mística cristã da América, uma judia dos EUA e uma judia de Israel. Apesar da diferença de contextos e culturas, elas chegaram à conclusão de que muitas das injustiças e sofrimentos que existem no mundo são devidas ao fundamentalismo, aos preconceitos e ao desequilíbrio de gênero. Em resumo, afirmam que o mundo está sendo consumido pelo fundamentalismo que está no coração das maiores tradições religiosas do mundo. Da mesma forma, argumentam que as sociedades, aliadas ao fundamentalismo religioso, reprimiram durante muito tempo os talentos das mulheres, impedindo ou retardando seu avanço. Por esse motivo, as instituições sociais têm de reverter essa situação de repressão às mulheres se desejarem que a raça humana se torne plenamente humana. E para fazer uma análise acurada de toda essa situação, as autoras recorrem à teologia, à história, à psicologia, à antropologia, à teoria de sistemas e aos modelos dos profetas das grandes religiões como instrumentos epistemológicos de análise.

O livro propõe que a raiz da manifestação do mal é qualquer ato calculado que pretenda aviltar ou ferir outro ser humano e que o desequilíbrio de gênero encontrado dentro dos sistemas hierárquicos patriarcais perpetua este crime. Portanto, para

que a comunidade humana sobreviva, é imprescindível que sejamos mais responsáveis por nossas ações e eliminemos os preconceitos religiosos, raciais, étnicos, de gênero, egoisticamente motivados pelo poder político e pela ganância econômica.

As autoras apontam o patriarcado como o primeiro exemplo de preconceito e desprezo pelo outro, pois o sistema patriarcal seria um padrão contínuo de violência e dominação, causando guerras e todo o tipo de desgraça para a humanidade. Historicamente, o patriarcado teria sido uma influência nefasta sobre a religião, a cultura e a família, ao exercer sobre elas um ordenamento patriarcal. Esse ordenamento teria como sustentáculo uma estrutura hierárquica que é o próprio coração do patriarcado e que gera a idéia da superioridade de classe, de raça, de gênero e, por conseguinte, os preconceitos, a dominação, a violência e toda sorte de injustiças. As maiores religiões do mundo têm sido narradas por uma mentalidade patriarcal que, ao reivindicar falar em nome de Deus, diminui as demais religiões como inferiores, o que tem encorajado um fundamentalismo radical que ameaça o futuro da humanidade.

Nos últimos dez anos, inúmeras guerras religiosas têm acontecido em várias partes do mundo, como na Irlanda, Chipre, Balcãs, Ruanda, Birmânia, Sri Lanka, Nigéria, Sudão, Israel-Palestina, Filipinas (Mindanao) e Indonésia, assim como guerras fratricidas entre muçulmanos xiitas e sunitas, ataques às clínicas de aborto por cristãos radicais etc. Estes inúmeros exemplos de violências generalizadas permitem perceber que não existe uma integração dos altos valores passados pelos profetas, pelos textos sagrados; ao contrário, mostram ser o resultado de um desequilíbrio de gênero. As autoras acreditam que uma humanidade que alcançasse um equilíbrio de gênero poderia ultrapassar esses conflitos e eventualmente resolver muitos desses atuais dilemas (p. 2-3).

As autoras perceberam que, embora viessem de diferentes lugares e tivessem diferentes religiões, todas experienciavam preconceito por serem quem eram e pelo que acreditavam. Sentiam que a experiência da alteridade não se devia apenas ao fato de duas delas terem vindo de países em conflito do Oriente Médio, mas também por serem mulheres.

\* Mestra em Estudos Bíblicos e doutora em Teologia Sistemática pela Universidade Metodista de São Paulo. Secretária executiva e tesoureira da EATWOT (Associação Ecumênica de Teólogos do Terceiro Mundo, na sigla em inglês).

A preocupação com “o outro” fez com que se voltassem para os antecedentes históricos de sua condição atual. Este sentimento de proteção e cura em relação à humanidade fez com que as autoras, mesmo sendo de diferentes culturas e religiões, quebrassem o mito do preconceito religioso, cultural e étnico. Neste sentido, elas se empenharam a explorar as influências dominadoras do patriarcado em cada uma de suas religiões e estruturas políticas (p. 4-5).

A pesquisa sobre as estruturas patriarcais das religiões e culturas das quais provinham permitiu chegar ao fundamentalismo religioso que tem sido observado na maioria das grandes religiões. A Karen Armstrong é atribuído o esboço dos traços comuns dos fundamentalistas em seu livro *The Battle for God*, onde nota que todas as religiões têm a mesma estrutural mental, por exemplo, a crença na infalibilidade de suas ideologias (p. 15).

Esse livro examina como as ideologias patriarcais têm influenciado e apoiado a idéia da superioridade em relação ao “outro”. Geralmente reivindicam serem a melhor, com base na crença de que um grupo é privilegiado por controlar a realidade absoluta e o melhor sistema de valores. Esta atitude explicaria as lutas contínuas entre grupos religiosos rivais da mesma religião ou de religiões diferentes no Oriente Médio, na Índia, no Sudão, na Indonésia etc. Outra similaridade está refletida no preconceito de gênero em consequência do qual as mulheres são consideradas subordinadas aos homens, situação esta afirmada como expressão de uma realidade eterna e absoluta. Entretanto, para elas a área dos direitos humanos poderia ser aquela em que nossos princípios comuns poderiam ser mais bem reconhecidos. Tendo sido negligenciados, podemos estar agora à beira de nossa própria destruição (p. 16-19).

Portanto, este livro é um pedido a que os leitores visualizem uma humanidade que respeite a vida, em todos os seus aspectos, para criar um futuro que assegure um mundo melhor para as gerações futuras.

O livro é dividido em seis capítulos.

O primeiro (“No começo: histórias do bem e do mal”) procura examinar as mitologias das várias culturas, mostrando como elas se transformaram

ao longo da história, desde a forma oral em tempos imemoriais, passando pelas patriarcais, transformando sociedades igualitárias em sociedades hierárquicas de classe, guerreiras, dominadoras, racistas, sexistas.

O texto descreve o patriarcado enquanto forma de organização social que começa a aparecer a partir dos últimos seis mil anos e que invade todos os recantos do planeta, em épocas diversas. Também analisa o fundamentalismo como um fenômeno que se manifestou primeiramente no Ocidente, no movimento protestante norte-americano, no início do século XX, e que pode ser descrito como a incapacidade de compreender e respeitar a vida além da própria e limitada visão de mundo. Seu aumento crescente é considerado uma reação ao modernismo. O desequilíbrio de gênero é analisado exaustivamente como o mais poderoso exemplo das qualidades repressivas exemplificadas no patriarcado, por requerer que as mulheres sejam subservientes aos homens. Em todas as religiões o desequilíbrio de gênero pode ser percebido mesmo por meio de seus mitos, que, ao separarem céu e terra, corpo e mente, separaram macho e fêmea e iniciaram um ciclo de devastação nas relações humanas. Assim são analisados os mais diversos mitos de criação, desde os sumérios, os judaicos, por meio dos Midrash e da Bíblia, os hindus, os gregos, os islâmicos, os taoístas, os xintoístas. Neles os valores éticos são estabelecidos para a sobrevivência do ser humano, mas também é estabelecido o início da dominação patriarcal, com a hierarquização entre os seres humanos e entre os gêneros.

O segundo capítulo (“Violência em nome de Deus”) mostra como os textos sagrados e os fundadores espirituais de todas as religiões enfatizam a vivência comunitária, a tolerância, o amor. Entretanto, intérpretes fundamentalistas das religiões distorceram esses ensinamentos e perpetraram práticas de preconceito, discriminação e dominação de gênero, gerando violência e intolerância dentro das comunidades.

O terceiro capítulo (“Quem dentre nós é escolhido?”) debate a idéia de povo escolhido entre as religiões abraâmicas em contraste com as teorias evolucionistas e antropológicas em que o medo do



“outro” teria gerado a violência, as guerras, o racismo. Hoje as nações estariam substituindo as tribos na forma de se identificar com uma mentalidade tribal de “nós” contra os “outros”.

O quarto capítulo (“Contos de poder e corrupção: a conspiração da religião e política nos EUA) analisa o poder, a ganância e a corrupção decorrentes dos sistemas políticos contemporâneos e da globalização a partir da organização política dos Estados Unidos, desde o seu início. O contraste é produzido pela análise da espiritualidade da população nativa americana, também chamada “americanos nativos”, e pela análise dos eventos históricos e suas crenças, que permitiram as perversões por parte do governo e da religião que desonraram outros povos, suas terras e suas práticas religiosas.

O quinto capítulo (“Divisões e conflito global: mais contos de política e religião”) continua no exame dos resultados do poder patriarcal sobre outros povos e outras terras, por meio de uma ideologia etnocêntrica de colonialismo e ocupação das nações ocidentais sobre o resto do mundo. Aqui também são desvelados inúmeros exemplos de governos e instituições religiosas dominados por ideais patriarcais que levam à diminuição do “outro”, contos muito tristes de preconceitos contra as mulheres e os povos de cor (negros, amarelos etc.). Daí a conclusão de que mudanças em todos os níveis são prementes para se evitar a destruição da humanidade.

O sexto capítulo (“Armagedon ou um novo paradigma: perspectivas horizontais e verticais”) pergunta se a guerra e a violência são expressões inevitáveis da vida. E a pergunta seguinte é se podemos aprender de nossos erros e mover-nos para um novo paradigma. Este último capítulo explora os caminhos para a cura e a promoção do

equilíbrio de gênero. Por meio da cura do passado, por meio de uma antropologia interpretativa, atinge-se o equilíbrio da história, criando-se uma cultura com equilíbrio de gênero. As várias religiões são revisitadas e algumas de suas tradições são reinterpretadas, descobrindo-se os papéis importantes das mulheres na história e também sua importante atuação política nos dias de hoje.

Epílogo: Aqui cada uma das autoras partilha seu processo de pesquisa, desafios e alegrias na produção deste texto e os ideais que as moveram (e movem).

Concluindo, percebe-se que os vários capítulos do livro, bastante desenvolvidos, procuram mostrar que a estrutura patriarcal das religiões produziu os preconceitos étnico-raciais e de gênero e que o fundamentalismo tem movido as nações para uma política de destruição, baseada na ganância e na sede de poder, e respaldadas pelas religiões. O fato de os capítulos terem sido escritos por diferentes autoras não deixa de ser interessante, porém os diversos temas foram desenvolvidos, em vários dos capítulos, sem a preocupação de mostrar uma perspectiva de raça, de gênero ou de classe social. Desta forma, poder-se-ia dizer que a chave hermenêutica não é claramente o gênero, mas que este é veiculado sem muita convicção, entre outras chaves de leitura, enquanto “desequilíbrio de gênero”, indicando a existência de um preconceito patriarcal contra as mulheres nas diferentes religiões, agravado por uma leitura e uma postura fundamentalistas. Ao colocar como objetivo último deter a destruição da humanidade, as autoras deixam de focar com clareza as reivindicações feministas e anti-racistas por mudanças na sociedade porque as estruturas patriarcais são injustas com pelo menos três quartos da humanidade.